

2007 – Nota de abertura

A proposta ainda é condicional, mas vamos experimentá-la.

Principiamos neste primeiro dia do ano de 2007 com o Boletim *Penso&Digo* (P&D), uma *newsletter* para dentro do Movimento, com uma forma de comunicação directa e interactiva. Vão aqui aparecer, sem tratamento redactorial, as mensagens dispersas que circulam nas várias redes do Movimento, sobretudo no info@maismemoria.org e no todos@maismemoria.org que, sem dúvida, se tornaram no telefone interno do Movimento.

A comunicação nem sempre se faz com conteúdos informativos; a maior parte das nossas mensagens têm um sentido sinalizador e envolvem uma proposta afectiva, de ligação comunitária. Não lhes damos importância por as entendermos gratuitas – palavras leva-as o vento. Depois, sabe-se lá porquê, um belo dia, em conversa, recordamo-las e damo-nos conta do bem que nos fizeram, foram uma gracinha onde se instalou uma memória de afectos.

Sem mais poesia a pataco, fica a proposta de semanalmente reunir, no *Penso&Digo*, o que se dispersa pelas mensagens avulsas que pelas nossas redes circulam.

Aqui vai o nº 1. E vai bojudó, que é dia de descanso e pode dar para leitura. Os números seguintes vão ser mais magrinhos, mais fáceis de digerir. Sejam amigos e não o enjeitem logo no seu primeiro dia.

Boas Festas, feliz Ano Novo



Foi bonito ler e ver as muitas mensagens que circularam a desejar ao pessoal umas festas felizes nesta quadra do ano. Sem desprimor para as restantes, realça-se a “diferença” do pequeno flash animado que o Fernando Vicente nos enviou. Depois de lerem o P&D, divirtam-se visitando na Net o portal deste inteligente humorista italiano. Aqui vai o endereço: <http://www.bozzetto.com> e boas gargalhadas.

Dicas para um debate a propósito da “Fuga de Caxias”

PCP evoca a fuga de Caxias

Uma fuga audaciosa pela liberdade e pelo socialismo

O PCP está a evocar os 45 anos da fuga que, em 4 de Dezembro de 1961, devolveu à liberdade oito destacados dirigentes e militantes comunistas. Na segunda-feira, quatro protagonistas da heróica fuga guiaram uma visita ao interior do estabelecimento prisional. À noite, numa sessão evocativa, explicaram os pormenores e as curiosidades desta fuga, realizada em pleno dia, perante o olhar atónito dos guardas armados.

A prisão de Caxias - Reduto Norte ainda hoje recolhe reclusos. Já não é uma prisão política, mas lá estão os altos muros, o arame farpado, as torres de vigia e os guardas prisionais. Apesar da segurança apertada, foi permitida a entrada a dezenas de militantes comunistas para evocar a fuga de 1961. Entre eles encontravam-se os quatro participantes na fuga – António Gervásio, Domingos Abrantes, Ilídio Esteves e António Tereso –, antigos resistentes e presos políticos e alguns dirigentes do Partido, como Luísa Araújo, Manuela Bernardino e o secretário-geral do Partido, Jerónimo de Sousa.

O grande portão que o carro blindado arrancou não existe mais. Hoje é uma entrada moderna, de pesadas portas electrónicas. Mas o túnel, o segundo portão e o Fosso Interior estão lá. Foi neste local que os visitantes se concentraram para ouvir algumas explicações dos participantes.

As paredes são altas e o pátio exíguo. Observando o local dá para perceber ainda melhor a mestria necessária para conduzir o carro naquelas condições.

Em seguida, divididos em dois grupos, os visitantes foram conhecer os locais da fuga. A sala 2, onde se encontravam enclausurados sete dos oito fugitivos, ainda funciona como sala de presos. À saída, a comunicação social esperava os visitantes. Jerónimo de Sousa destacou que esta fuga – que durou sessenta segundos – provocou um «profundo abalo no fascismo». Para o dirigente comunista, é importante recordar que «no tempo da fuga havia luta e resistência antifascista» e que nessa luta pela liberdade e pela democracia os comunistas portugueses tiveram um «papel fundamental».

Ao final da tarde, na Casa do Alentejo, em Lisboa, realizou-se uma sessão evocativa da fuga de Caxias. No átrio da Casa do Alentejo, uma exposição explicava a fuga. A exposição ficará patente no local até ao dia 10.

A sessão, na qual participaram largas dezenas de pessoas, foi dirigida por Manuela Bernardino, do Secretariado do Comité Central.

A dirigente do Partido anunciou que está a ser preparado um livro sobre as fugas dos comunistas das prisões fascistas. Nestas páginas, publicamos alguns aspectos das intervenções dos quatro protagonistas da audaciosa fuga.

Caros Amigas e Amigos,

Terminou hoje [21 Dezembro] a "aventura" em que, um subcomissário ("sério e sincero" no dizer do jovem juiz que proferiu hoje a sentença) nos meteu há quase um ano. Não deixando de, em minha opinião, verificar que se ainda há resquícios de actuações pidescas validadas por "juizes" com receio de "chamuscar" o seu início de carreira, há também por esta mesmíssima razão resquícios de uma Justiça em Portugal (que 32 anos após o 25A) nunca foi verdadeiramente limpa de vícios passados; precisa de se renovar e de estar mais de acordo com o que o Estado Democrático dela exige, ter agentes de coragem e abaterem o corporativismo reinante...que aliás é pecha noutros domínios profissionais.

...mas isso são outras reflexões a fazer e talvez me compreenda melhor quem assistiu ao julgamento, à lição dada pela "defesa" e ao inclassificável depoimento do subcomissário (hoje, repito, considerado "sério e sincero", pelo douto juiz). Este não teve estofo para agarrar o que o nosso advogado lhe ofereceu. É pena...

Obrigado Dr. José Galamba, obrigado Dra. Filomena Flores, obrigado Dr. Garcia Pereira pela vossa actuação e pela vossa estratégia.

Sei que a solidariedade é solidariedade mas, perdoem-me, saber que o reconhecimento também é reconhecimento e há ocasiões que não podemos calar o que nos vai na alma.

Estou certo o João de Almeida concordará comigo e permito-me considerar esta mensagem como se fosse dos dois.

Bem-haja à solidariedade de todos, os activistas e não activistas, do Movimento "Não Apaguem a Memória!".

Marchámos juntos e fizeram-se connosco todos arguidos. Foi um exemplo de vitalidade do Movimento. Vamos voltar a precisar dessa vitalidade sempre ou muito frequentemente...porque os tempos de luta cerrada estão aí e os cidadãos cada vez vão sentir mais que os movimentos cívicos serão; na vida e na política, necessários e urgentes a complementares à acção dos partidos... quiçá a pô-los "noutra" ordem.

Está a acontecer no mundo civilizado e não escapará à regra que seja uma das formas mais eficazes de colocar e ordenar a obrigatória participação dos portugueses na "coisa pública..."

Apesar das lamentações do início desta mensagem (que pretendo desenvolver em escrito lá mais para a frente)...apesar de tudo FEZ-SE JUSTIÇA, valha-nos isso: **COMO ERAMOS TODOS ARGUIDOS - FOMOS TODOS ABSOLVIDOS.**

Passou-se um capítulo.

Este é apenas um apontamento que não poderia deixar passar o dia de hoje sem que se lavrasse.

Estaremos de parabéns.

A luta continua em defesa da Memória da Resistência ao

Debate

Por muito respeito que me mereçam os presos políticos do PCP e merecem, de facto, como comunistas e, principalmente, como presos políticos, penso que a forma como é posta aqui esta evocação, não é a mais apropriada, em minha opinião, para divulgar neste Movimento.

Cordiais saudações

Manuel Torres

Em tempos mantive aqui um "animado" debate com o sr. Humberto Candeias sobre aquilo que ambos pensávamos ser pertinente distribuir por esta lista. Ele dando conta de uma posição mais restrita, eu opinando num sentido mais lato de memória sobre a proibição e restrição dos direitos políticos e associativos.

Mantenho a minha posição mais abrangente sobre o direito de divulgação e de circulação da informação que alimenta a memória. **Agora em defesa do sr. Humberto Candeias.** E até porque a história "também" se constrói dos diversos olhares. E até porque nem a propósito de fugas dos cárceres salazaristas, se verifica o unanimismo descritivo e opinativo.

Saudações animadas

António Castela

Creio que Manuel Torres não tem razão neste ponto.

Este movimento é plural e creio que a opinião do PCP, como de qualquer outro actor da sociedade portuguesa, é de conhecer e registar.

Cordialmente

Francisco d'Oliveira Raposo

Não posso estar mais de acordo.

O nosso movimento é também um movimento destas memórias. Não respondamos ao sectarismo de alguns e (ou **aos amuos... como parece ter acontecido com a ausência de um deputado (representante) do PCP (fiquei triste) na cerimónia do trb.da Boa -Hora...**) com sectarismos.

Não confundamos algumas árvores com a floresta... etc.etc...**todas as memórias como esta** de lutas e iniciativas antifascistas de comunistas, de socialistas, dos sem partido, de cristãos-progressistas, dos de outras áreas partidárias, (até conheço um e sou Amigo dele que era "Marquês") mas marcadamente combatentes pela liberdade e pelo fim da opressão e por uma democracia a sério, **essas memórias**, s.m.o. serão aqui descabidas porquê?...devem ser aqui trazidas... porque não?

Saudações

Duran Clemente

Creio que Manuel Torres não tem razão neste ponto.

Este movimento é plural e creio que a opinião do PCP, como de qualquer outro actor da sociedade portuguesa, é de conhecer e registar.

Fascismo.

Vamos ao Natal, que seja bom para todos e que o Novo Ano também.

Forte Abraço

M. Duran Clemente

Com uma nota do Martins Guerreiro

Caras e caros companheiros

Como diz o Duran Clemente, se fomos todos arguidos, fomos todos absolvidos, e se solidariedade é solidariedade, reconhecimento é reconhecimento, e no nosso caso ainda mais devido, o nosso muito obrigado aos dois defensores oficiais Dr^a. Filomena Flores e Dr. Galamba de Oliveira e ao defensor oficioso, Dr. Garcia Pereira. A reflexão sobre este caso quer em termos de movimento quer em os de justiça portuguesa e desadequação da lei que regula o direito de manifestação (como bem demonstrou o Dr. Galamba de Oliveira) terá de prosseguir e ser aprofundada pela nossa parte e de outras organizações, como a A25A, de modo a que os factos tenham consequência e seja possível extrair as devidas lições do que se passou.

É importante que também neste campo possamos dar um contributo cívico para melhorar a nossa democracia e ao mesmo tempo afirmar e fazer crescer o nosso Movimento. Um abraço a todos do Martins Guerreiro

Olá Companheiros

Venho só propor que possa ser colocado no nosso site uma primeira informação sobre o espectáculo de dia 17 de Fevereiro, dado que, mesmo com as confirmações existentes, nos parece que esta data devia começar a constar das nossas agendas. Pelo menos podia-se colocar uma coisa do tipo:

- Espectáculo da memória de José Afonso – Dia 17 de Fevereiro – 21,30 horas – Fórum Lisboa. Artistas já confirmados: Coro Lopes Graça, Francisco Fanhais, Carlos Alberto Moniz, Grupo Erva de Cheiro (e aumenta-se a lista conforme tivermos outras participações)

É apenas uma sugestão e já agora se fosse possível informar acerca da decisão do tribunal do processo do Duran Clemente e do João.

Abraço e bom ano.

Vítor Sarmiento

Com uma nota à margem, só para interessados

Jantar do Movimento Cidadania e Responsabilidade pelo SIM com leilão de Obras de Arte

6^a feira - 12 de Janeiro - 20h

Mercado da Ribeira - Lisboa

Preço 20 euros

Ementa: entradas, caldo de legumes, bacalhau gratinado ou bifinhos com cogumelos, saladas, sobremesas, bebidas (pode existir prato vegetariano marcado com antecedência)

Cordialmente

Francisco d'Oliveira Raposo

Eu não tinha intenção de responder a quem quer que fosse. O meu comentário lá está para quem quiser ler cuidadosamente e não distraidamente ou à pressa. As ilações, quaisquer que sejam, tira-as cada um à sua maneira.

Não queria dizer mais nada até porque neste caso tudo o que dissesse não ia adiantar nada ao meu comentário, que foi feito À FORMA, NÃO AO CONTEÚDO, da divulgação em causa.

E se explicasse, desnecessariamente, mais alguma coisa, poderia, involuntariamente, ferir e agredir, QUEM, de facto, sofreu com as prisões e as torturas da polícia política, como vejo que até já aconteceu, lamentavelmente! Mas, agora, vem-me dizer o meu camarada de tropa Duran Clemente - "(...) lutas (...) dos de outras áreas partidárias" (citado de abaixo) - mas quais áreas partidárias? E fala-me de um "Marquês" combatente por uma democracia a sério, pela opressão e liberdade?*(Como está entre aspas não sei se é ou não Marquês a sério)*. Mas que contradições!

Mas afinal que movimento é este do "Não apaguem a Memória - Todos Mais Memória"?

É que pelos vistos tenho estado enganado e o melhor, de facto, é excluir-me, eu que me considero um fulano de "esquerda", comunista e pacifista utópico*(poder-se-á ser de outra forma pacífica, DIGO, PACÍFICA, no mundo globalizado de hoje? - utópico não quer dizer que não se tenha esperança em condições mais favoráveis no futuro da humanidade, onde eu/pessoa não me incluo já) e apartidário(considero que ainda se poderá vir a mudar o mundo sem obedecer a aparelhos partidários)* - é ver a cambalhota inevitável dos PC's pós estalinismo e por causa, com excepção infelizmente do nosso - digo infelizmente com a consciência de que não deve ser lembrado o percurso do seu "inspirador" que acarretou também no período estalinista muitas, demasiadas, vidas ceifadas sem razão - e isto não quer dizer que não respeite o sofrimento e a morte e a luta dos militantes comunistas da época - eu próprio fui marcado pela polícia política e depois, ferido na minha carreira, pelas perseguições pós-25Nov.75.

Lembremos e SEMPRE as pessoas concretas que sofreram, militantes ou não, mas cheias de ideais de mudança da sociedade para melhor - uma sociedade que se quer livre, mas colectivamente forte e solidária e, quanto a mim, suficientemente arredada das baias partidárias que, como se tem visto na história, conduzem ao retrocesso e ao sofrimento dos povos, pelos excessos inevitáveis dos controladores desses aparelhos!

Ainda não se encontraram, contudo, outros sistemas de governos dos homens - daí eu ser um pouco utópico e reagir à forma em jeito de propaganda partidária, dentro deste movimento, da divulgação daquelas lembranças trágicas.

Até sempre!

Necessário fazer marcação do jantar e escolher prato: peixe ou carne, inscrição para cidadaniapelosim@gmail.com ou TM: 962546007

Pagamento por transferência bancária (guardar talão comprovativo para apresentar no dia do jantar) NIB 0036 0265 99100013118 59

Vamos fazer deste jantar/encontro um grande momento pela vitória do SIM

Participa e traz um (a) amigo (a) também!

Inscrições até dia 8 de Janeiro

Dias Coelho (1923-1961)



A morte trágica de José Dias Coelho foi evocada ao fim da tarde de 19 de Dezembro de 2006, exactamente no local onde há 45 anos foi assassinado por uma brigada da PIDE. Humberto Candeias fez um retrato do artista-herói que o “Avante!” publicou e que ele também enviou ao Movimento, que o reproduz no P&D.

O artista militante

Como artista militante, José Dias Coelho teve uma participação activa na organização das Exposições Gerais de Artes Plásticas (EGAPs), fazendo parte do núcleo inicial desde a primeira realizada em 1946 e expositor desde a segunda.

No decurso dos dez anos em que estas exposições decorreram ficou bem claro o importante papel que elas desempenharam quer na renovação do panorama artístico português, quer na unidade antifascista dos intelectuais.

José Dias Coelho tinha-se matriculado na Escola de Belas Artes de Lisboa em 1942, e foi contemporâneo de Júlio Pomar, Victor Palla, Sá Nogueira, Fernando Azevedo, Vespeira e outros, que iriam influenciar o percurso das artes plásticas em Portugal. Desde logo mostraram o seu inconformismo com os padrões fossilizados que então vigoravam na EBAL.

Em 1943, Júlio Pomar publica um artigo intitulado «Da necessidade de uma Exposição de Arte Moderna» e em 1945 organiza com Victor Palla a «Exposição Independente», em Lisboa, onde participam outros jovens artistas. Tornava-se premente a necessidade de um espaço mais amplo e mais aberto a novas correntes e à liberdade de expressão artística, o que levou à organização da

Manuel Torres

P.S.: E desculpem lá o mau jeito, prometo não vos maçar mais, nem responder a mais ninguém - palavra não vale a pena. Terão com certeza muito mais que fazer que aturar um lunático e anónimo cidadão que apenas quis expressar o seu sentir ao visualizar algo que não lhe caiu bem - com certeza que se enganou - assim seja!

Creio que Manuel Torres não tem razão neste ponto.

Este movimento é plural e creio que a opinião do PCP, como de qualquer outro actor da sociedade portuguesa, é de conhecer e registar.

Cordialmente

Francisco d'Oliveira Raposo

.....*excertos de parte dos esclarecimentos que fiz ao meu camarada M. Torres, e que provocou a sua salutar reacção, supra reenviada....só porque a mensagem dele foi para todos e a minha foi apenas para ele...e também houve marqueses e arquitectos (e até padres e bispos) nos movimentos anti-fascistas.... como testemunho na devida altura... não posso deixar de reencaminhar parte do que lhe esclareci e acrescentar alguns aspectos de enquadramento...*

Sexto: Trata-se apenas da minha opinião pessoal e da que outros comungarão ou não. Não é a opinião oficial do movimento.

Sétimo: Sendo assim não percebo que te melindres ao ponto de dizer que te queres afastar e deixar de emitir opinião. Carregas, nos que têm opinião diferente, mas te respeitam, uma responsabilidade...

Oitavo: : Não sou dissidente do PCP/nem renovador, nem ortodoxo. Há coisas que me entristecem simplesmente. Não posso?!

Nono: Para terminar não foram apenas os comunistas que combateram pela Liberdade e por uma DEMOCRACIA SÉRIA....houve homens e mulheres sem filiação partidária ou com outras inclinações...alguns de movimentos unitários (como sabes). Foi isso que se quis salientar... sem diminuir ninguém que lutou...

Ora vais ficar de boca aberta mas efectivamente o meu Amigo de há quase 50 anos (que era vizinho dos PÚPILOS DO EXÉRCITO, onde o meu falecido pai (falecido há 15 dias, com 91 anos) me colocou (internou) em 1953, porque era primeiro -sargento fora de Lisboa e não tinha possibilidades para mais)...esse meu vizinho que conheci quando fui pedir uma quota mensal para os menos favorecidos do Bairro do Calhau, ali ao perto era, e ainda é o Fernando Mascarenhas, Marquês da Fronteira, que na sua idade de estudante universitário(24 anos), juntamente com o Nuno Teotónio Pereira (arquitecto)e outros, quiseram concorrer pelo MDP/CDE a Portalegre, em 1969, e foram boicotados por todos os órgão do poder fascista, não conseguindo entregar as listas e respectivas assinaturas necessárias.....a tempo...

Não estou a erguê-lo ao modelo do anti-fascista que eu aprecio e a História reconhecerá, estou apenas a esclarecer

primeira Exposição Geral de Artes Plásticas na Sociedade Nacional de Belas Artes (SNBA). Isto tornou-se possível porque a direcção da SNBA tinha sido renovada, no decurso de um trabalho persistente para a alteração da correlação de forças através da adesão de sócios jovens e progressistas. Trabalho a que José Dias Coelho não foi alheio.

Com a sua perspicácia política e a sua capacidade para desenvolver os largos consensos que as EGAPs implicavam, ele soube dinamizar um trabalho colectivo em que participaram, ao longo de dez anos, artistas de várias correntes e sensibilidades. E assim, as EGAPs abriram as suas portas e congregaram unitariamente desde neo-realistas a surrealistas, naturalistas e abstractos, que de comum tinham o facto de negar-se a pactuar com a orientação definida por Salazar, como a «política do espírito», e que António Ferro procurava levar à prática no campo de cultura e particularmente nas artes plásticas, com o seu Secretariado de Propaganda Nacional (mais tarde Secretariado Nacional de Informação – SNI), que fora criado em 1933 segundo a matriz nazi, adaptada inteligentemente às nossas condições nacionais. Sem que se exercessem pressões nem censuras de carácter político ou estético, nas EGAPs reuniam-se os artistas que tinham, de forma mais ou menos explícita, ideais antifascistas.

E é um facto incontroverso que elas conglomeraram o que de mais válido e significativo surgiu então nas artes plásticas em Portugal. Constituíram, como era objectivo do núcleo organizador, uma ampla abertura para a apresentação de manifestações artísticas que lutavam pela conquista da expressão livre, pelo que a cada artistas interessava exprimir como fundo e forma. Acolheram pela primeira vez a fotografia como expressão artística e deram um incremento enorme à gravura nas suas várias modalidades, dentro do critério de que a gravura é uma das formas de arte que mais facilita a multiplicação e a divulgação ampla entre as camadas populares. Também pela primeira vez foram expostos maquetes e projectos arquitectónicos modernos e inovadores.

Novos artistas

Com as EGAPs a arte portuguesa encontrou o veículo adequado para o embate contra os obscurantismos estéticos, contra as limitações impostas por um meio restritivo e preconceituoso. E é assim que nas EGAPs, ao lado de artistas consagrados e mais idosos como o Mestre Abel Manta, Carlos Botelho, Mário Dionísio, Arlindo Vicente, Avelino Cunhal e o arquitecto Keil do Amaral, surgem com a força e a pujança da juventude novas camadas de artistas que iriam afirmar-se no futuro como artistas marcantes na arte portuguesa. Entre eles Júlio Pomar, Rolando Sá Nogueira, Rogério Ribeiro, João Hogan, João Abel Manta, Alice Jorge, Cipriano Dourado, Lima de Freitas, Maria Keil, Pavia, António Alfredo, Querubim Lapa, Jorge Vieira, Vasco da Conceição, Maria Barreira, Lagoa Henriques, Guilherme Casquilho, os

a graçola inoportuna que me remeteste., ou melhor, enviaste para "todos".

No seu palácio, o do Marquês da Fronteira e Alorna, num sítio escondido, lá num antigo picadeiro, algumas reuniões tiveram lugar de activistas contra a ditadura...etc.etc...
Valeram o que valeram... mas valeram alguma coisa... podes crer.

Quando tive a honra de ter a missão de agregar dezenas de militares para fazermos o 25 de Abril o que queria era que ...viessem mais cinco...não perguntava a filiação ou inclinação política...Sabes bem qual era a pergunta: *queres ou não derrubar a ditadura, acabar com esta guerra colonial estúpida e erguer um Portugal livre?*

E vieram muitos: mil vezes cinco E a Ditadura acabou....

A LIBERDADE COMEÇOU COM CRAVOS VERMELHOS: HOJE CONTINUAM VERMELHOS NA NOSSA ALMA MAS MUITOS MURCHARAM OU ENPALIDECERAM DE COR...

Mas a verdade é que:

A história dos (verdadeiros) combatentes à ditadura tem muitas vertentes e no meu parco entendimento todas merecem respeito e direito à memória tal como os símbolos e marcos físicos que representam luta, dor, coragem, resistência e morte.

Abraço

Manuel Duran Clemente

Caro Duran Clemente

Acho que foi uma boa resposta, deste teu escrito já gostei!
É consistente e nele revejo o meu camarada da Academia por quem continuo a nutrir respeito e camaradagem.

Não, não vou divulgar, não é preciso, quanto a mim, mas respeito as tuas decisões, isto é um fórum livre, de facto!

Abraço

Manuel Torres

Caro Hipólito dos Santos,

O debate é interessante e oportuno.

Por acaso tive conhecimento, no dia do julgamento, que um alto dirigente do PCP não assinou o abaixo-assinado que correu de apoio a João de Almeida e ao subscritor desta mensagem.

A informação é fidedigna. Foi-me dada por um Amigo de confiança.

A argumentação foi a de que "não sabia qual a origem do documento". *Nada contra mim...o outro não seria conhecido.* acrescentou-me a fonte.

Já todos percebemos que o nosso movimento cívico não terá sido validado pelo PCP ou por alguns militantes do PCP.

Mais grave: hoje soube que o próprio Secretário-geral está preocupado que o nosso movimento apague a memória dos feitos e combates dos "comunistas" durante a ditadura...
Fonte, igualmente, fiável.

Creio que não passa pela cabeça de nenhum de nós que isto aconteça. Por isso alguns dizemos: ***não diminuir ninguém***

arquitectos Castro Rodrigues, Victor Palla, Sena da Silva, Celestino de Castro, Conceição e Silva, Torres e muitos outros que se contavam entre os amigos de Dias Coelho e junto dos quais manteve uma influência política, quer no âmbito do Partido, quer do MUD Juvenil, na luta pela Paz, ou simplesmente na consciência antifascista.

Com muitos deles irá travar batalhas contra os métodos pedagógicos arcaicos na Escola de Belas Artes e pela eleição de júris idóneos e abertos à modernidade das exposições na Sociedade Nacional de Belas Artes, lutas de grande amplitude unitária, que levaram à demissão do director da ESBAL, o incompetente Cunha «Bruto», da cadeira que leccionava e à expulsão de sócio da SNBA do pintor do regime Eduardo Malta, no decurso de uma provocação por ele montada contra Dias Coelho, incidente que levou ao encerramento da SNBA como retaliação.

Quando a décima e última Geral de Artes Plásticas se realizou em 1956, já Dias Coelho militava há cerca de um ano na clandestinidade. Os colegas e amigos que a organizaram fizeram questão de marcar a presença do ausente expondo uma escultura sua, para que o seu nome figurasse no catálogo. Com esta acção de solidariedade discreta, mas significativa, eles quiseram prestar assim homenagem ao colega que tinha partido para outras batalhas.

Para Dias Coelho escreveu Zeca Afonso esta canção

A morte saiu à rua num dia assim
Naquele lugar sem nome para qualquer fim

Uma gota rubra sobre a calçada cai
E um rio de sangue de um peito aberto sai

O vento que dá nas canas do canavial
E a foice duma ceifeira de Portugal

E o som da bigorna como um clarim do céu
Vão dizendo em toda a parte o Pintor morreu

Teu sangue, Pintor, reclama outra morte igual
Só olho por olho e dente por dente vale

À lei assassina, à morte que te matou
Teu corpo pertence à terra que te abraçou

Aqui te afirmamos dente por dente assim
Que um dia rirá melhor quem rirá por fim

Na curva da estrada há covas feitas no chão
E em todas florirão rosas de uma nação.

Reeditada a primeira obra sobre a Resistência

[reportagem de São José Almeida, in *Público* de 20/12/06]

PCP homenageou José Dias Coelho, um pintor que viveu e

que lutou.

Por isso, julgo, começámos por querer que não se apague a memória dos locais onde combateram e/ou morreram antifascistas e combatentes pela Liberdade e pela Democracia (quando digo ou disse Democracia Séria...é para lhe tirar a carga, dalguma especulação redutora. Querer ser abrangente sem ceder no que julgo a maioria de nós quererá que seja o **regime democrático**.

Queremos preservar os locais exactamente onde sofreram, de várias formas e tendo diversas ideologias, todos os antifascistas que passaram por esses tenebrosos sítios... **Locais esses que estão a ser destruídos** por esta "espécie de regime democrático" e que sonhámos diferente.

Estamos a tentar evitar que ao apagá-los (destruindo-os fisicamente) apaguem as suas/nossas memórias.

Já não acontece o mesmo com os (seres humanos) autores ou autoras de feitos anti-fascistas mortos ou vivos, qualquer tenha sido ou seja a sua eventual filiação ou preferência partidária, esses são indestrutíveis e não são, (salvo melhor opinião), propriedade de ninguém. Serão, por vezes, vivos ou mortos utilizados, provavelmente nem sempre da forma mais digna...mas isso é outro capítulo desta reflexão.

Não tenha ninguém a preocupação de que se apague deles a memória.

São imortais.

Podem não o ser para todos mas basta que sejam para alguns, desde que convicção haja, dum número significativo de cidadãos, de que foram combatentes da Ditadura.

O nosso movimento tem um manifesto e não vejo lá que se queira apagar a memória dos comunistas lutadores e anti fascistas. Também não queremos que isso aconteça a outros de outros "credos". Repito **eles são imortais, porquê** esta inquietação? Não está na mão de nenhum de nós nem de nenhum aparelho despi-los dessas "vestes".

Não sou tão "naif" ou ingénua que não me passe pela cabeça o receio dos que terão receio, se efectivamente o têm.

Comigo não contém: ***bater-me-ei igualmente por uns e por outros desde que preencham a tal característica de imortalidade: fossem ou sejam comunistas, socialistas ,ex-comunistas ,ex-socialistas, católicos, militares ou ex-militares, sem filiação ou com qualquer outra.. .etc.***

Mas estou triste.... e perceberão porquê...mas... como Brecht dizia, *há vitórias e derrotas. A grande vitória é continuar a luta...*

A reflexão continua.

Atrevo-me a um pedido em nome de ABRIL: venham lá os que fazem falta mas resistam à tentação de se pensarem únicos e promotores (ou controladores encartados)e não tenham agora o receio que tantos e tantos não tiveram e continuam a não ter (porque são sem dúvida formalmente herdeiros duma maioria de perseguidos, torturados, presos e mortosno combate à Ditadura).

É que num movimento apartidário e cívico seremos sempre mais.

morreu "contra um mundo velho e feroz

A hora marcada era as seis da tarde, ou melhor, já noite. Cerca de um quarto de hora antes, a polícia fechou a Rua Dias Coelho, ao Calvário, em Lisboa. As bandeiras vermelhas com as foices e martelos começavam a concentrar-se junto ao número 30. Na parede, a lápide inaugurada há três décadas assinala o local, onde, precisamente há 45 anos, a PIDE assassinou a tiro José Dias Coelho, pintor dirigente clandestino do PCP.

Antes de a homenagem se iniciar e sob a luz de um intenso holofote, a viúva de Dias Coelho, Margarida Tengarrinha, está já de ar ora tenso ora comovido. Recebe cumprimentos. Beija familiares. É fotografada junto à lápide.

Cerca de uma hora depois, na Junta de Freguesia de Alcântara, Margarida Tengarrinha, está ladeada pelo secretário-geral, Jerónimo de Sousa, pelo dirigente histórico e que com ela abriu, na Roménia, a Rádio Portugal Livre, Aurélio Santos, e ainda pelo editor Francisco Melo. Uma cerimónia destinada a lançar o livro *A Resistência em Portugal*, em quarta edição. A primeira história da oposição ao fascismo e da repressão da PIDE, redigida por Dias Coelho e Margarida Tengarrinha, no início dos anos 60, e que foi editada, sob pseudónimo de Amílcar Gomes Duarte, em 1962, em São Paulo, no Brasil, com prefácio de dois militantes comunistas à época exilados naquele país: Victor Cunha Rêgo e João M. Tito de Moraes. Em Portugal, a obra seria editada apenas em 1974, pela Editorial Inova, tendo tido então duas edições. Entrando pela hora de jantar, a sessão na junta de Alcântara incluía ainda uma visita à exposição evocativa das oficinas clandestinas, numa homenagem à vida de Dias Coelho, que, com a mulher, se encarregou durante anos do jornal clandestino do PCP *Avante!*, além de serem responsáveis pela falsificação dos documentos para os militantes do partido. Mas também era possível ver e comprar, a dez euros, gravuras da autoria do pintor-escultor assassinado pela PIDE. Na sala, concentravam-se algumas figuras marcantes do PCP, na clandestinidade e já depois do 25 de Abril, bem como intelectuais que conheceram Dias Coelho. Entre os mais significativos, o cunhado, José Manuel Tengarrinha, mas também homens como Domingos Abrantes, Martins Guerreiro, Duran Clemente, Carlos Carvalhas, Mário Ruivo, Fernando Torres.

Muitas das mais de quatrocentas pessoas que pelas seis da tarde se concentraram, para cantar juntas, de punho no ar, *A Internacional* e *A Portuguesa*. Em homenagem do pintor de excepção que, como Jerónimo de Sousa fez questão de salientar, usando as palavras de Cardoso Pires numa antiga homenagem ao militante assassinado pela PIDE: "Nesse Outono de 1955 [momento que mergulha na clandestinidade], Dias Coelho deixava para trás as

Saudações

Manuel Duran Clemente

Vivam

Este debate no seguimento da notícia sobre a evocação da fuga de Caxias abre uma boa oportunidade para o movimento Memória.

Muitas vezes uma Memória é construída na base dos clichés da própria repressão de cada época. Durante muito tempo os "maus", todos os "maus", eram acusados de republicanos, de anarquistas, de comunistas, de terroristas, de militares de Abril, etc. ou então, noutra perspectiva, de contra-revolucionários, bandidos, agentes da gestapo e trotskistas, agentes da CIA, etc.

O regime fascista durou 48 anos e contra ele lutaram e encheram as prisões, republicanos militares e civis, anarquistas e anarco-sindicalistas, comunistas, católicos progressistas, socialistas, sem partido, etc.

Até aqui creio que estamos de acordo, mas depois concretamente a nossa Memória só recorda os recordados! Por exemplo, nos últimos 10 anos do regime a luta foi feita por muita gente ligada, ou não, a muitas organizações - PCP, FAP, LUAR, MRPP, PRP-BR e outras que neste momento não recordo...

Já quando estive preso, em 1962/63 a maior parte dos presos em Caxias - ligados ao Movimento de Beja - não eram do PCP, nem de qualquer outra organização - simplesmente, como refere Manuel Clemente, opositores decididos a bater-se para acabar com a ditadura e impor uma democracia (essa de "democracia séria" poderá levar a outras problemáticas - democracia avançada, democracia popular, democracia orgânica, etc.). Havia aí monárquicos, católicos, socialistas, militares antifascistas, ex-comunistas, mas a maioria eram sem partido, etc.

Da nossa Memória não nos podemos permitir de irradiar ninguém nem considerar que todos os lutadores, como dizia a pida, eram comunistas...

Creio que estamos de acordo, apesar de algumas reflexões mais fechadas.

Hipólito Santos

Estou a gostar desta reflexão e concordo com as ideias expressas de que o nosso movimento não exclui ninguém, nós não distinguimos entre os resistentes e os lutadores contra a ditadura todos merecem o nosso respeito e consideração.

Por todos pela sua coragem e sacrifícios devemos trabalhar sem reservas ou "jogo na manga" para que a sua memória seja honrada e dignificada. Se alguém com preocupações imediatistas valoriza mais uns resistentes do que outros é problema seu, significa isso para mim que não vão para além de uma visão limitada e instrumental da resistência e da luta contra a Ditadura.

Continuemos o nosso trabalho com elevação sem exclusões e deixemos que a prática mostre quem é solidário e sabe respeitar a dignidade do Homem nas várias diferenças: Penso que a solidariedade sem discriminação e sem

primeiras encomendas públicas de escultura e a sua mais que certa consagração como artista de grande nível (...). Deixava para trás tudo, para se dedicar "por inteiro e definitivo, contra um mundo velho e feroz".

N.B. – Pela actualidade de que se reveste, segue em anexo a entrevista-reportagem que esta mesma jornalista fez há um ano sobre Dias Coelho, a partir de uma longa conversa com Júlia Coutinho.

utilização instrumental é uma das" pedras de toque "do nosso movimento: Talvez esta conversa pareça um pouco moralista, para mim é sobretudo uma posição ética, um abraço a todos
Martins Guerreiro

Concordo com a posição aqui expressa.
Saudações
Lúcia

Concordo por inteiro com as observações feitas quer pelo Duran Clemente que pelo Hipólito Santos quer pelo Martins Guerreiro.
Um abraço e Bom Natal para todos
António Garcia Pereira

Também concordo com a relevância deste debate sobre uma memória plural e com a postura democrática do movimento Não Apaguem a Memória! Aproveito para referir que o blogue não tem dado conta dos últimos desenvolvimentos por impedimentos técnicos. Desde a passada 6.^a feira que nenhum dos colaboradores consegue aceder ao interior do blogue para escrever. Julgamos ser um problema da empresa que aloja o site, a Blogger, pois pode estar relacionado com a criação da nova versão Beta, mas não temos a certeza disso.
Se alguém tiver conhecimentos informáticos que possam ajudar a resolver este problema (começando por perceber onde está o e-mail da Blogger, que não encontrei, para se pedir esclarecimentos), agradecemos desde já o auxílio.
Um abraço e Bom Natal também para todos,
Daniel Melo

A Resistência foi de todos os que resistiram e não só dos que se acham donos dela. Este Movimento é para todos os que tal entendam. Por isso perfilho inteiramente das opiniões do Duran Clemente, Hipólito Santos e Martins Guerreiro.
Um abraço e Bom Natal Paula Cabeçadas